



ÁRVORES CULTIVADAS SUSTENTAM FRENTES ESTRATÉGICAS PARA UM FUTURO MAIS SUSTENTÁVEL

Em *live* promovida pelo jornal *Valor Econômico*, porta-vozes do setor detalham bons exemplos já praticados pela indústria de base florestal e apontam potencial de protagonismo na economia de baixo carbono

POR CAROLINE MARTIN
Especial para *O Papel*

Mesmo diante de um contexto desafiador, com um processo de desindustrialização em andamento, agravado por um ambiente de negócios inadequado e déficits logísticos expressivos, a indústria de base florestal brasileira desponta como um setor produtivo exemplar, não só pelos resultados positivos que vem registrando atualmente como pelo potencial de protagonismo que apresenta no almejado cenário da bioeconomia. “Salta aos olhos que um setor industrial esteja avançando de maneira acelerada nas últimas décadas, de forma independente, sem que essas conquistas estejam atreladas a in-

centivos governamentais”, frisou Paulo Hartung, presidente da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), em *live* promovida pelo jornal *Valor Econômico*, em 24 de fevereiro.

Disposto a discutir temas relacionadas à pauta central *O futuro está nas árvores cultivadas*, Hartung enfatizou que, além da competitividade global, o setor é um representante do século 21. “Nossos produtos estão espalhados pelo mundo todo. Atendemos a mercados na Ásia, Europa, América do Norte, com produtos biodegradáveis e recicláveis, características que também os colocam em linha com as demandas da geração atual. E esse portfólio, advindo das árvores, tende a crescer ainda mais.”

O presidente da IBÁ informou que, atualmente, o Brasil soma 9 milhões de hectares de árvores cultivadas e mantém outros 5,9 milhões de hectares de áreas para conservação, sublinhando que os avanços tecnológicos e a dedicação do setor em estudar as particularidades das suas florestas resulta hoje em um aproveitamento até três vezes maior do que aquele conferido há cinco décadas.

“Também é importante citar que o setor prevê investimentos de R\$ 35,5 bilhões até 2023, destinados a florestas, novas fábricas, expansões, tecnologia e ciência. Hoje, há 4 mil vagas de emprego abertas”, disse, apresentando o total de vagas referente ao período em que a live aconteceu. “De fato, fazemos parte de um setor diferenciado, que ilumina o debate sobre os caminhos para a recuperação da economia brasileira”, sublinhou.

O evento virtual moderado pelo jornalista Pedro Doria também contou com a participação de Francisco Razzolini, diretor de Tecnologia Industrial, Inovação, Sustentabilidade e Projetos da Klabin, e Fernando Bertolucci, diretor executivo de Tecnologia e Inovação da Suzano, que detalharam todas as frentes de atuação da indústria que já vem apresentando todas as potencialidades da sua ampliação de portfólio.

“Nas últimas décadas, aprendemos não só a trabalhar com as nossas florestas plantadas como a fazer da inovação um dos nossos pilares estratégicos, ampliando o enfoque da celulose, do papel e da energia às oportunidades de desenvolvimento de novos materiais”, pontuou Razzolini, adicionando que o setor pode contribuir muito para a construção de um mundo mais sustentável. “Mais do que isso, as florestas cultivadas são a solução para muitos dos problemas enfrentados atualmente, considerando que vivemos uma era de fortes transformações, que tem exigido respostas rápidas para os desafios que aparecem”, disse, citando que a fabricação de álcool em gel, a partir de celulose microfibrilada (MFC), em um momento de falta de insumo para a fabricação do produto pelos métodos tradicionais, destaca-se entre os exemplos mais atuais das contribuições do setor.

Expandindo a abordagem do tema ao perfil do consumidor atual, Razzolini o caracterizou como uma pessoa cada vez mais atenta às necessidades do tempo em que vive e do papel que desempenha na sociedade, buscando também por facilidades para o cotidiano, priorizando a própria qualidade de vida, saúde e bem-estar.

Na visão dele, os avanços da economia e da tecnologia têm sido pautados por tais características. “Os dois temas que incentivam e balizam o crescimento econômico global podem ser resu-

midados como sustentabilidade e inovação. Como podemos fazer mais e melhor a partir dos mesmos recursos? Como podemos impactar menos as questões ambientais que envolvem o planeta, gerando maior bem-estar social? São perguntas que estamos prontos a responder a partir das árvores cultivadas.”

O avanço significativo que as empresas brasileiras conquistaram na produtividade de suas florestas, frisou Bertolucci, da Suzano, é resultado da combinação de desenvolvimento tecnológico e de gestão florestal, não apenas de condições ambientais favoráveis. “Entender que não foi por acaso que chegamos até aqui, com todas essas possibilidades atuais de ampliar o nosso portfólio em prol de um futuro melhor a todos, é fundamental para traçarmos os próximos passos da trajetória da nossa silvicultura.”

Para que tais avanços sigam ocorrendo nos próximos anos, Bertolucci contou que a Suzano aplica o conceito de inovabilidade, junção de inovação com sustentabilidade, em suas ações estratégicas. A prática já vem resultando em grandes transformações. “Vivemos a jornada da migração do fóssil para a fibra, por meio da inovabilidade. O próprio papel, que faz parte de uma indústria tradicional, vem se transformando e ocupando novos espaços, a exemplo dos papéis destinados à produção de canudos e copos, com o uso de barreiras 100% degradáveis e recicláveis. A entrada nesses mercados, com a oferta de soluções ambientalmente mais adequadas, já é uma realidade.”

Além dos incrementos no portfólio atual, Bertolucci salientou que o setor de base florestal tem investido no aprofundamento do conhecimento sobre todos os componentes da árvores. “A lignina é uma

molécula que corresponde a cerca de 30% das nossas árvores. No nosso processo de fabricação atual, esse componente já é bastante importante, pois não só garante autossuficiência energética das nossas fábricas como possibilita que sejamos exportadores de bioenergia ao sistema elétrico. Mas dado potencial nobre que apresenta, temos nos desafiado a desvendar outras aplicações para ela”, informou.

No curto prazo, os desenvolvimentos mais recentes apontam para a possibilidade de fabricação de resinas feitas a partir da lignina, capazes de substituir resinas fósseis usadas em painéis de madeira. Aplicações em borrachas e voltadas ao segmento de nutrição animal são outras alternativas que vêm se desdobrando atualmente e que devem apresentar resultados mais brevemente. Para mais adiante, os estudos apontam que a

**SETOR PREVÊ
INVESTIMENTOS DE
R\$ 35,5 BILHÕES
ATÉ 2023,
DESTINADOS
A FLORESTAS,
NOVAS FÁBRICAS,
EXPANSÕES,
TECNOLOGIA
E CIÊNCIA**

lignina poderá ser usada como matéria-prima voltada à produção de fibra de carbono, também em substituição a insumos de origem fóssil, conforme detalhou Bertolucci.

“A nossa indústria já está posicionada do lado certo da equação, se considerarmos a nossa captura de carbono e a atual entrega de produtos ambientalmente adequados, mas temos trabalhado com metas audaciosas, que trarão benefícios em frentes múltiplas. O nosso foco não é voltado a nenhum mercado específico, mas sim a mercados diversos de altos volumes e valor agregado que, segundo as nossas estimativas, podem chegar a US\$ 50 bilhões por ano. Somos grandes players de papel, celulose e energia, e seremos igualmente protagonistas em bioprodutos”, completou o diretor executivo de Tecnologia e Inovação da Suzano.

No dia seguinte ao evento promovido pelo jornal *Valor Econômico*, a Suzano anunciou a formação de uma *joint venture* com a *startup* finlandesa Spinnova para a construção de uma fábrica comercial de fibra têxtil, produzida a partir de MFC, na Finlândia.

Está faltando imaginação ao Brasil?

Ao abrir o debate com os porta-vozes da indústria de árvores cultivadas, Doria se aprofundou nos aspectos que ainda impedem o Brasil de avançar no fortalecimento da bioeconomia. “Temos uma indústria como a da árvore, que é uma preciosidade e tem os dois pés fincados no século 21, e falamos pouquíssimo sobre ela. Sem contar que ainda temos uma mentalidade de identificar como estratégico para o País aquilo que era estratégico há décadas, como o petróleo. O que falta para conseguirmos mexer com a imaginação do Brasil?”, questionou aos porta-vozes do setor.

“Sem apelar para o simplismo de apontar um único culpado, eu diria que temos uma história de muitos erros”, respondeu Hartung. “O agravante é não aprendermos com esses erros e teirmos em persistir nas condutas que levaram a equívocos no passado. Acho que o primeiro passo vem daí: precisamos parar de tropeçar nas nossas próprias pernas e passar a jogar luz em exemplos bem-sucedidos como os deste setor, que dialoga com o presente e o futuro e que pode ser replicado em outras áreas. Temos de aprender a usar o nosso potencial para gerar empregos, renda e oportunidades”, justificou.

Razzolini concordou que o potencial criativo do setor de base florestal é expressivo, mas apontou outra conduta diferenciada neste contexto em que outros segmentos ainda não se

encontram: planejamento de longo prazo. “Trabalhamos como um cluster industrial, voltado tanto a melhorias contínuas das práticas atuais quanto ao desenvolvimento de novas soluções, e temos buscado fortalecer cada vez mais essa visão para nos preparar para o futuro.”

Na visão de Bertolucci, o que ainda atrapalha o Brasil é o fato de estar deitado em berço esplêndido. “Também vejo uma falta de compromisso com o longo prazo, quando, na verdade, é isso que faz as transformações acontecerem”, lamentou. “Enquanto o Brasil não tiver uma política de inovação voltada ao curto, médio e longo prazos, acabaremos nos ancorando apenas nas soluções já conhecidas – e essas soluções que nos trouxeram até aqui provavelmente não serão suficientes para nos levar ao novo mundo, que tem exigências completamente diferentes das já experimentadas”, adicionou.

Questionados sobre as melhores formas para impulsionar o potencial de soluções inovadoras de baixo carbono, mesmo diante de regras de reconhecimento de valor baseadas na velha economia, Hartung iniciou as respostas enfatizando a importância de virar a chave. “Se queremos colocar de pé uma nova economia, somos nós que temos de encabeçar essa mudança.”

“O Brasil tem de assumir o papel de ator relevante desse processo de amadurecimento global, pela cobertura florestal que tem, pela tecnologia que desenvolveu e pela

interação que promoveu entre florestas cultivadas e preservadas. Está claro que não nos falta know how tecnológico para assumir esse protagonismo, não só em relação ao carbono como a todas as outras questões ligadas à preservação e todos os benefícios sociais, econômicos e ambientais que advêm delas”, avaliou Bertolucci.

Razzolini lembrou que o setor de base florestal já está inserido na economia de baixo carbono, trabalhando nas questões de baixo impacto ambiental em diversas frentes e se preparando, com processos em andamento de certificações voltadas à validação dos créditos de carbono, para o momento em que esses mecanismos forem reconhecidos. ■

BRASIL TEM DE ASSUMIR O PAPEL DE ATOR RELEVANTE DESSE PROCESSO DE AMADURECIMENTO GLOBAL, PELA COBERTURA FLORESTAL QUE TEM, PELA TECNOLOGIA QUE DESENVOLVEU E PELA INTERAÇÃO QUE PROMOVEU ENTRE FLORESTAS CULTIVADAS E PRESERVADAS